

## **Poder e cultura nos iniciais encontros luso-saarianos: apontamentos etnográficos do sudoeste da Mauritânia (Trarza)**

**Power and Culture in Early Luso-Saharan Encounters: Ethnographic Notes from Southwestern Mauritania (Trarza)**

Francisco FREIRE

Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA) / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH-NOVA)<sup>1</sup>

[francisco.s.freire@gmail.com](mailto:francisco.s.freire@gmail.com)

Recibido 18/11/2016. Revisado y aprobado para publicación 09/12/2016.

**Para citar este artículo:** Francisco Freire (2016), “Poder e cultura nos iniciais encontros luso-saarianos: apontamentos etnográficos do sudoeste da Mauritânia (Trarza)” en *Revista de estudios internacionales mediterráneos*, 21, 81-91.

**Para acceder a este artículo:** <http://dx.doi.org/10.15366/reim2016.21.007>

### **Resumen**

*Poder e cultura constituirão os dois mais marcantes elementos partilhados entre os diferentes projetos Orientalistas. Neste sentido, o artigo procurará tratar as iniciais referências portuguesas ao litoral saariano e suas populações, ensaiando uma “arqueologia” do Orientalismo português, sobre um objeto – “o mouro” (saariano) – que ao longo dos séculos focalizou este debate. Apresentarei também dados relativos aos atuais processos de reconstrução da historicidade no ocidente saariano, de acordo com referências relativas aos primeiros contactos euro-saarianos. Reconhecem-se até hoje diversas tradições orais que tratam esses encontros, e onde, por vezes, se declara a vitória de populações saarianas face ao invasor europeu. Assim, o exercício aqui encetado refletirá não só sobre a primeira descrição europeia da costa saariana, mas também sobre as vozes que localmente continuam a reproduzir esses encontros.*

**Palabras clave:** História pré-colonial; Mauritânia; Região Oeste Saariana, Etnografia; Orientalismo

### **Abstract**

*Power and culture are the two most striking elements shared between different Orientalist projects. With this in mind, the article will treat early Portuguese references to the Saharan coast and its populations, attempting an “archeology” of Portuguese Orientalism regarding an object – “the (Saharan) Moor” - that*

<sup>1</sup> Este artigo foi financiado no âmbito do plano estratégico do CRIA - Centro em Rede de Investigação em Antropologia (UID/ANT/04038/2013).

over the centuries has been the focus of this debate. I will also present elements that debate the current processes of reconstruction of historicity in the Western Saharan region regarding early Euro-Saharan contacts. To this day, there are many oral traditions that treat these encounters, where, at times, the victory of Saharan populations is declared against the European invader. Thus, the exercise undertaken here will reflect not only on the first European description of the Saharan coast, but also on the voices that locally continue to reproduce these encounters.

**Keywords:** Pre-colonial history; Mauritania; Western Saharan Region; Ethnography, Orientalism

*Each age and society re-creates its "Others",  
Edward W. Said, Orientalism*

Poder e cultura constituirão os dois mais marcantes elementos partilhados entre os diferentes projetos Orientalistas, quer sejam estes constituídos em países periféricos, quer no centro teórico do Orientalismo (enquadrado por Edward Said na órbita franco-anglo-americana). Ainda que hoje reconsiderados criticamente sobre interações em maior ou menor medida “ambivalentes” (Bhabha, 1994; Mignolo, 2003), uma efetiva leitura dos ordenamentos Orientalistas terá que ver com a definição de um objeto sujeito a uma estrutura de poder, e a diferentes posturas que sempre assumem uma supremacia cultural/política europeia. É nesta medida que aqui procurarei tratar as iniciais referências portuguesas ao litoral saariano e suas populações, ensaiando algo como uma “arqueologia” do Orientalismo português, sobre um objeto – “o mouro” (saariano) – que ao longo dos séculos focalizou este debate.<sup>2</sup> Será questionada a forma como os textos pioneiros que ao longo do século XV descrevem a exploração portuguesa do litoral saariano (Zurara em particular) se poderão relacionar com os projetos, bastante mais tardios, que viriam a definir uma *consolidated vision* do Oriente através de um olhar eminentemente “imperial” (Said, 1994b: 73-94).

De acordo com documentação atualmente disponível, a inicial expansão portuguesa na costa atlântica do noroeste africano destaca-se pela ambição cavaleiresca de uma geração de jovens nobres que buscavam honra e riqueza no combate contra o “infiel” (Boxer, 1991: 18).<sup>3</sup> É precisamente nessa medida que são reportados em Portugal os iniciais encontros com populações do litoral saariano, sendo o texto pioneiro de Gomes Eanes de Zurara, *Crónica dos Feitos da Guiné* (c. 1453-1460), claramente marcado por relatos desse tipo, assinalados pelo menos desde 1415: “depois da tomada de Cepta, sêpre trouxe [Infante Dom Henrique] continuamente nauyos armados contra os Infiees” (Zurara, 1978: 63). O texto de Zurara foi realizado sob encomenda do rei Afonso V (“o Africano”), o mesmo que se “deleitaua muyto no trabalho das armas / specialmête contra os Imijgos da santa ffe” (Zurara, 1978: 29), enquadrando-se estilisticamente na tradição cronística régia portuguesa (Figueiredo, 1996, 2005; Sousa, 2007). A maioria dos textos que chegaram aos nossos dias, e que foram alvo de maior divulgação, associam-se ao modelo literário da Crónica de Armas. Justifica-se assim, creio, a forma como tão precocemente os relatos que descrevem inicial relação entre portugueses/cristãos e muçulmanos no litoral saariano se aproximam de temas e elementos centrais do ordenamento orientalista; considerando, com

---

<sup>2</sup> A expressão “mouro”, como utilizada no discurso historiográfico português, associa-se à categoria geral de “muçulmano”, frequentemente dito também, e muito significativamente, “maometano”.

<sup>3</sup> Com a descrição de feitos épicos, como neste dramático episódio em que se relata o resgate noturno de algumas embarcações que haviam sido capturadas pelo inimigo durante o cerco de Mazagão de 1562: “(...) e uma noite o penduraram do muro abaixo, e chegando á cava se foi a nado com uma faca na bocca, e chegando aos barcos lhes cortou as cordas com que estavam atados, e os trouxe até á porta do mar, sempre nadando diante d’elles, que foi um feito para estimar, e de muito risco e grandíssimo perigo (...)” (Gavy de Mendonça, 1890: 53).

Hayden White (1987: 5), que o modelo cronístico não constitui uma “história imperfeita”, mas uma fonte “particular” de conceber a realidade histórica, alternativa, mas não absolutamente contraditória da sua aceção moderna. Este texto procurará assim expor debates que interrogam os envolvimentos que mais tarde se institucionalizarão como formas de conhecimento Orientalista nas academias e em programas culturais e políticos de diferentes nações europeias (para o caso português, ver Cardeira da Silva, 2005).

Apresentarei também dados relativos ao atual processo de reconstrução da historicidade no Saara, de acordo com referências relativas aos primeiros contactos euro-saarianos. Face ao espírito de cruzada dos portugueses, mostrou-se, desde sempre, um opositor local que paralelamente responde à gesta “guerreira” europeia no litoral Saariano. Reconhecem-se até hoje diversas tradições que tratam o encontro luso-saariano, e nas quais, por diversas vezes, se declara a vitória de populações saarianas face ao invasor europeu (Freire, 2011; 2013). Assim, o exercício que enceto refletirá não só sobre a primeira descrição europeia da costa saariana, mas também sobre as vozes que localmente reproduzem esse encontro.

## A “Descoberta” do litoral do Saara

São múltiplos os impulsos que justificam as viagens portuguesas de exploração da costa ocidental africana a partir do século XV, ligando religião<sup>4</sup>, economia, estratégia política e ambições militares. O litoral do Saara pode nesta medida tomar-se como exemplo paradigmático, associando-se a chegada portuguesa ao Cabo Branco (junto à atual cidade Mauritana de Nouadhibou) com uma série de feitos de armas, a que se juntam uma precoce inquirição relativa aos habitantes da região, a recolha de bens transacionáveis, e a implantação de uma enorme cruz de madeira sinalizando a marca cultural dos recém-chegados (cf. Horta e Freire, 2013; Zurara, 1978: XXXII/132)<sup>5</sup>. O exemplo da cruz de madeira simboliza o esforço de legitimação político-religiosa de uma força da cristandade face a um terreno não só desconhecido, como claramente antagónico: islão, “enganoso erro em que os leixou aquelle falso cismatico maffamede” (Zurara, 1978: 23).

No que concerne a presença portuguesa nesta costa, e centrando-me no campo da história, dois momentos concentram quase em absoluto o tratamento dado a este tema: a feitoria-fortaleza de Arguim, erigida numa pequena ilha do litoral saariano (atual República Islâmica da Mauritânia) em meados do século XV, e perdida para os holandeses em 1633 (cf. Monod, 1983), e a efémera presença portuguesa em Ouadane em finais do século XV (no interior do continente, cerca de 400 quilómetros a este de Arguim; cf. Mauny, 1949; Magalhães Godinho, 1956: 121-5). Estes dois momentos parecem concentrar quase em absoluto a atenção dos investigadores, baseando-se exclusivamente nas fontes “oficiais” - leia-se, nas fontes escritas. Arguim tratava-se efetivamente de uma instalação militar (ainda que incorporando já o modelo posteriormente consolidado ao

---

<sup>4</sup> Consulte-se a bula “Inter Caetera Quae Nobis” (1455), que outorga à Ordem de Cristo “o espiritual de todas as ilhas, desde os Cabos do Bojador e Não, por toda a Guine até à Índia” (Torre do Tombo, Gavetas, Gav. 7, mç. 13, n.º 7; disponível online em: <http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=4185824>; consultado 03/02/2015), ou a “Inter cetera” (1456), na qual se afirma já não apenas uma jurisdição espiritual, mas também “efetiva de todas as terras já descobertas e a descobrir para além do Cabo Não e Cabo Bojador” (Cortesão 1973: 45). Relativamente à justificação histórica das viagens de exploração, ver ainda Luís Filipe Thomaz, *De Ceuta a Timor* (1994, capítulo II).

<sup>5</sup> Na República Islâmica da Mauritânia reconhece-se a existência deste símbolo, que hoje em dia se encontrará tombado no mar, mas que por vezes se mostra ainda durante as marés mais baixas do ano (este elemento, repetido por diversos interlocutores mauritanos, não foi possível de confirmar).

longo da exploração da costa africana que conjuga um estabelecimento militar com uma base comercial/feitoria, ver Lawrence, 1963; Teixeira da Mota, 1976), sendo Ouadane apenas identificada com uma tentativa pacífica de implementação de uma operação comercial (versão esta que é localmente questionada, como adiante se mostrará). Este posicionamento deixará encobertas inúmeras outras dimensões resultantes dos iniciais encontros euro-saarianos, tais como os contactos desenvolvidos através de rotas comerciais pluriculturais (longas de vários séculos), ou a efetiva avaliação das inúmeras tradições orais que localmente, até hoje, nutrem diferentes versões desses acontecimentos.

Relativamente a Arguim as tradições orais identificadas marcam dois tipos de argumentos: a colaboração comercial com diversos agentes europeus, e outras tradições que descrevem disputas entre invasores europeus/ cristãos (ou judeus) e uma resistência local defensora de uma geografia e cultura islâmicas. Associando Arguim aos contactos – pacíficos – estabelecidos ao longo desta faixa atlântica (que se estende até à foz do rio Senegal), diferentes tradições provam a intensidade dos vínculos criados entre europeus e saarianos durante a longa fase do trato comercial (alcançando o século XX e o período colonial).<sup>6</sup> São paradigmáticos da “intimidade” destes relacionamentos as descrições conhecidas das recepções e das refeições partilhadas a bordo de navios europeus. Neste âmbito preciso, e de entre inúmeros exemplos, gostaria de assinalar a viagem de Muhammad al-Yadali num barco cristão, desde a foz do rio Senegal até Arguim, durante a primeira metade do século XVIII: “Once I rode on a vessel of the Christians sailing to Agadir Duma [Arguim] so that I might make myself acquainted with some of its marvels. (...) I entered the town, and I was most hospitably received by its people, and I was given rare objects and gifts” (Norris, 1969: 505-7).<sup>7</sup> Al-Yadali é o reputado autor (m. 1753) que estabeleceu a versão “marabútica” da história da sociedade arabófona da região ocidental do Saara (na sua obra “Shiam al-Zwaya”), onde afirmou a inteligência e nobreza de carácter das famílias de estatuto religioso, em oposição aos irascíveis *hassan* (“guerreiros”), sanguinários e desonestos protagonistas dos mais recentes episódios políticos da região (cf. Ould Babbah, 1990, em árabe). A tranquila presença deste autor a bordo de um navio europeu demonstra a profundidade dos laços então existentes com algumas populações continentais, muito concretamente com as residentes no sudoeste da atual Mauritânia. Na verdade, desde meados do século XV que a documentação conhecida permite identificar múltiplos parceiros comerciais estabelecidos ao longo da costa atlântica saariana. Estes agentes privilegiados dos portugueses eram então denominados “alformas”, marcando a honradez do seu carácter e a seriedade do trato que então se implementava (cf. Freire, 2011: 43-47). Até hoje diversos autores saarianos – por vezes simples curiosos - procuram na documentação portuguesa antiga os nomes dos agentes locais envolvidos no comércio euro-saariano, buscando associações genealógicas com populações contemporâneas. Este verdadeiro exercício de arqueologia genealógica, tratando-se por vezes de dados com mais de cinco séculos, dificilmente atinge resultados concretos. Contudo, as ambíguas associações que são hoje ensaiadas neste sentido servirão ao desprestígio das famílias ou personagens envolvidas, vizinhas ou rivais dos autores que as publicitam. A ligação a um passado “corrompido” pelo convívio com cristãos pode marcar populações, sobretudo no sudoeste e norte da atual Mauritânia (regiões de Adrar e Trarza), até aos nossos dias. Esta nota permite-me fazer uma ligação ao segundo corpus de tradições, acima enunciado, que atualmente nega qualquer tipo de associação mutuamente profícua entre europeus e saarianos, declarando-se uma aberta oposição

---

<sup>6</sup> O facto de Arguim se apresentar como a única ilha da região com disponibilidade de água potável, “tornou-a, desde que os europeus frequentaram o litoral do Sáara e da Guiné, escala obrigatória para as caravelas fazerem aguada” (Magalhães Godinho, 1956: 59).

<sup>7</sup> Para uma análise etimológica da expressão Agadir Duma, que localmente identifica Arguim, ver Freire, 2011: 46-7.

Freire, Poder e cultura nos iniciais encontros luso-saarianos aos invasores europeus que simplesmente raziam populações procurando a submissão, e por vezes a conversão, do extremo ocidental da *dar al-Islam*.

Relativamente a Ouadane, porventura devido ao secretismo da operação em curso, ou simplesmente pela efemeridade desta tentativa de penetração (ver Cénival e Monod, 1938: p. 155, nota 154), os dados conhecidos pela história são bastante diminutos (Magalhães Godinho, 1984, vol. 1: 147-8, 180-1; Mauny, 1949).<sup>8</sup> É assinalada uma tentativa de penetração na cidade e a possível instalação de uma feitoria em Ouadane durante alguns anos, porventura meses. Os esboços que a historiografia portuguesa ensaia sobre a cidade (vizinha da hoje bastante mais popularizada Chinguetti, sendo ambas, conjuntamente com Tichit e Oualata, Património Mundial da Humanidade / UNESCO desde 1996) referem a missão de 3 agentes portugueses – Rodrigo Reinél, Diógo Bórges e Gonçalo Dantes – a Ouadane algures na década de 80 do século XV (entre 1483 e 1487), numa tentativa de atrair para Arguim as mercadorias até então vinculadas em exclusivo à rota caravaneira que ligava o interior africano ao sul de Marrocos (ver também Austen, 1993; Ould Cheikh, 2000; Teixeira da Mota, 1958). Não são identificadas escaramuças, ou quaisquer outras tentativas de penetração suportadas militarmente.<sup>9</sup> Esta missão pioneira, segundo os dados conhecidos, ter-se-á tratado de um ensaio assente em exclusivo na ousadia comercial dos homens sediados em Arguim, conhecedores dos fluxos mercantis saarianos e dos seus percursos tradicionais.<sup>10</sup> Na verdade, nunca foram encontrados efetivos vestígios físicos da presença portuguesa na cidade de Ouadane ou na região do Adrar mauritano.

Contudo, esta fugaz passagem portuguesa por Ouadane gera leituras locais bastante mais complexas do que as ensaiadas pela historiografia portuguesa. O momento em que os três emissários portugueses alcançam Ouadane é entendido no Saara como coincidente com a mobilização para sul/sudoeste de grande parte dos habitantes da cidade (que até hoje se encontram nessas latitudes, mas que continuam séculos depois a remeter para uma identidade fundacional associada a Ouadane e à região do Adrar mauritano). Essa movimentação generalizada de diferentes populações não tem uma explicação clara, e as diferentes tradições orais que remetem para esse episódio referem-se a motins, revoltas, a um esmagador conflito hoje sem justificação conhecida. Contudo, numa dessas versões, declara-se que o acontecimento que levou ao abandono do Adrar por grande parte das suas populações terá que ver com facto desses grupos terem aceiteado comerciar com europeus (judeus, no caso dos agentes portugueses

---

<sup>8</sup> A duas únicas fontes europeias que documentam este episódio são o *Esmeraldo de Situ Orbis* de Duarte Pacheco Pereira (escrito entre 1505-1508) e a *Ásia* de João de Barros (Década I, datado de 1552).

<sup>9</sup> Interessa contudo assinalar que, na verdade, Duarte Pacheco Pereira se refere a uma partida apressada do feitor de Ouadane, Rodrigo Reinél, face à “má companhia” dos “azenegues”: “e [Rodrigo Reinél] recebeo tão má companhia desta má gente dos azenegues que lhe conveio vir-se pera Portugal, e sua vinda e salvação foi com muito trabalho e risco de sua pessoa e grande despesa” (Barradas de Carvalho, 1991: 602). Este elemento - também assinalado por Abdel Wedoud Ould Cheikh (2013: 169) -, ainda que não fazendo menção a um conflito aberto, poderá relacionar-se com as tradições orais expostas abaixo neste artigo, na secção “Resistências saarianas à ‘descoberta’”.

<sup>10</sup> Um dos principais motivos que Zurara atribuiu ao processo de exploração desta região africana, o reconhecimento do verdadeiro poderio do inimigo (“constrangido a querer saber o poder de seu Imijgo trabalhouse o dicto senhor de o mandar saber pera determinadamente conhecer ataa onde chegaua o poder daqueles Infiees”, Zurara, 1978: 44), não é geralmente associado à tentativa de penetração na cidade de Ouadane. Interessa também assinalar o olhar detalhado que Zurara votou às diferentes populações encontradas, assinalando envolvimento sociais até hoje reconhecidos na região oeste saariana (no que Edward Said seguramente aproximaria de uma relação “hermenêutica”): “Estes negros, posto que seiam mouros como os outros. som porem seruos daqueles por antijgo costume...”; “...quanto mais que estes negros não vijnhã da linhagem de mouros/ mas de gētyos”; “E bẽ parece que auya grande sabedorya da linguajẽ mourisca pois antre aquelles era entendido. onde o outro allarue que era mouro de naçõ não podera achar quem o ãtendesse, senõ huũ só” (Zurara, 1978: XVI/77-9).

identificados), deslocando assim este trato – impossível de conduzir pacificamente na região de Ouadane – para a costa atlântica e para as margens do rio Senegal. Continuam até hoje a ser insondáveis os verdadeiros motivos que justificaram o êxodo Norte / Sul de muitas das populações adrianas, sendo que pista comercial portuguesa/judaica continua a ser manifesta, e localmente considerada como uma possibilidade válida. Neste caso verificamos que para além da “serena” versão que em português relata uma simples tentativa de implantação comercial no interior saariano, localmente este momento pode associar-se a um período de profunda transformação social, com réplicas bem conhecidas até aos nossos dias.

O “período bélico”, oficialmente circunscrito aos anos de 1441-1447 pela historiografia portuguesa, é facilmente estendido à globalidade dos encontros desenvolvidos entre europeus e saarianos quando se atenta nas versões que localmente preservam e propõem leituras atualizadas destes contactos. De acordo com a etnografia que estabeleci (2004-2013), nota-se a preservação memorial dos momentos de maior conflito entre europeus e saarianos, encontrando-se estes sedimentados em diferentes projeções identitárias atualmente ensaiadas entre as populações arabófonas da atual República Islâmica da Mauritânia.

### **Resistências saarianas à “descoberta”**

Se acima me ocupei da apresentação sintética das primeiras descrições escritas relativas à presença portuguesa no litoral saariano, procurarei agora examinar alguns elementos derivados da apresentação desses acontecimentos através de tradições orais saarianas.

Na atual República Islâmica da Mauritânia é ainda reconhecido o “milagre” que uma eminente figura marabútica da região (Ahmad Bazaid; ver Acloque, 2014) terá realizado algures no século XVI, conseguindo ludibriar os europeus que o haviam feito prisioneiro no interior do famoso poço de Arguim (ver Freire, 2011: 46). Muito embora nesta geografia – tal como acontece por exemplo em Marrocos – se repita a aproximação entre “os portugueses” e a qualificação de estruturas “muito antigas” e vagamente reconhecíveis, no caso preciso desta tradição descrevem-se duas figuras saarianas genealogicamente identificáveis. Declara-se ainda a vitória dos locais sobre os invasores *nçāra* (“nazarenos”/cristãos), fazendo estes uso de poderes sobre-humanos associados ao saber religioso islâmico de alguns agentes locais, tais como Ahmad Bazaid:<sup>11</sup>

Ahmad Bazaid e o seu *erdivu*<sup>12</sup> Ahmad l’Gueidssi estavam junto ao seu poço de Arguim. Nesse momento chegaram europeus que os empurraram para o fundo. No interior do poço l’Gueidssi começou a ficar com medo e perguntou a Ahmad Bazaid o que iria passar-se com eles. Ahmad Bazaid perguntou-lhe então o que é que lhe apetecia comer essa noite. Ahmad l’Gueidssi disse-lhe que desejava beber o leite da camela *Zraiga*<sup>13</sup>. Essa camela estaria em Tamqart [a cerca de 400 quilómetros de distância], mas Ahmad Bazaid disse-lhe para ele não se preocupar, pois iria beber desse leite essa mesma noite.

---

<sup>11</sup> Considere-se ainda que Theodore Monod escreveu, na década de 1970, que o personagem principal desta narrativa – Ahmad Bazaid – terá concluído um acordo comercial com os portugueses: “On raconte encore sur la côte l’histoire d’un Barikallah du nom d’Ahmad Bazeid qui aux XVe-XVIe siècles (?) se serait rendu à Agadir (Arguin) et conclu un traité avec les Portugais” (Monod, 1983: 219).

<sup>12</sup> Em *hassâniia*, “aquele que monta atrás no teu camelo”, “grande companheiro”.

<sup>13</sup> *Zraiga* identifica um camelo com uma pelagem particular, de cor castanha e branca; um animal raro, difícil de encontrar.

Freire, Poder e cultura nos iniciais encontros luso-saarianos  
Ahmad Bazaid tinha consigo o seu *illiūix*<sup>14</sup>, e convidou l’Gueidssi a sentar-se nele a seu lado. Imediatamente ambos voaram até à camela *Zraiga*, alcançando-a no preciso momento em que esta tinha a sua cria a mamar<sup>15</sup>. Diz-se que desde esse momento os europeus nunca mais entraram na ilha de Agadir” (‘Abdallahi ūld NāSr al-Dīn, M’khaijaratt, 22/10/2007) (citado em Freire, 2013: 44-5).

Mais do que a vitória sobre a cristandade – uma vez que segundo este relato os europeus, assustados, nunca mais voltaram a Arguim – gostaria também de destacar a forma como este episódio através de formas narrativas perfeitamente identificadas localmente. Se acima assinaei a inclusão das iniciais descrições portuguesas num modelo cronístico próprio, também aqui se deve qualificar um forma local de traduzir a história. Não se trata no caso de uma gesta eminentemente “guerreira”, associada às populações hassan da região, mas de um quadro eminentemente “marabúutico”, onde uma das suas figuras bem conhecidas voa no seu tapete de oração para longe do carcel que os cristãos lhe tentavam impor. O texto marcante de H. T. Norris, *Znaga Islam* (1969), explora de forma exemplar este tipo de narrativas, que hoje em dia, meio século volvido, parecem já ser francamente minoritárias face a um quadro de reprodução memorial essencialmente desenvolvido em torno de simples projeções genealógicas. Ainda assim, no âmbito do levantamento de tradições associadas ao inicial encontro euro-saariano, que realizei privilegiadamente entre populações de estatuto religioso, foi ainda possível recolher depoimentos que se aproximam do quadro desenhado pelo investigador inglês nos primeiros anos de independência da República Islâmica da Mauritânia.

Ainda neste sentido, gostaria de apresentar uma tradição oral que julgo conjugar exemplarmente, ainda que de forma muito peculiar, os sentidos mais profundos que destacaria dos debates euro-saarianos, e que igualmente deverão marcar a leitura que sugiro para os bastante mais tardios envolvimentos orientalistas. Neste caso subvertendo o entendimento primário dos saberes orientalistas enquanto meras visões Europeias do Outro islâmico, declara-se a profundidade dos diálogos gerados – em ambos os sentidos:

Talīb Mustaf [circa 1600], um Tandgha, foi capturado na costa pelos seus inimigos, que depois o levaram para o seu país. A sua mãe todas as sextas-feiras de manhã ia até junto do mar e chamava pelo seu filho desaparecido. Ele, no país onde se encontrava, ouvia a sua mãe, e respondia-lhe. O homem que o havia feito prisioneiro e escravo perguntou-lhe o que ele fazia todas as sextas-feiras de manhã, e ele contou que respondia a uma chamada da sua mãe. O homem ganha estima ao prisioneiro e promete que o fará rico depois da sua morte, prometendo ainda que nessa altura o faria regressar a sua casa.

Conforme combinado, depois da morte do seu “amigo”, Talīb Mustaf abre a sua campa e encontra aí a prometida fortuna. No entanto, o corpo que aí encontra é o de um “ferreiro” seu conhecido, do seu país, e não o do seu amigo *naçrāni*.

Talīb Mustaf faz depois a viagem de volta a casa, e ao chegar pergunta imediatamente pelo “ferreiro” que tinha visto enterrado. Dizem-lhe que este tinha morrido há muito pouco tempo. Talīb Mustaf vai até à sua campa, e ao abri-la encontra aí o corpo do seu amigo *naçrāni*.

---

<sup>14</sup> “Tapete” de oração, confeccionado em couro de bovinos nesta geografia particular, e símbolo por excelência dos homens portadores de um estatuto religioso/ “marabúutico”.

<sup>15</sup> Significando a possibilidade de, de imediato, poder saciar a sua fome, estando o leite disponível para ser bebido naquele instante.

Este local chama-se até hoje Tinwarmi [“o poço do cristão”] (Al-Mamī ūld Hadrami, Nueich, 04/05/2006) (citado em Freire, 2013: 108-9).

Esta tradição oral confirma a versão – hoje incómoda – na qual se assume o sequestro de habitantes do Saara, fazendo-os serviçais, ou meros escravos, aquando da sua chegada à Europa. Contudo, nesta narrativa eminentemente marabútica, expõe-se a piedade dos habitantes do Saara, que no seu dia santo de sexta-feira conseguem comunicar entre si, por entre desertos e oceanos. Pode também apontar-se a clássica aproximação a uma raiz matriarcal saariana – claramente exposta na relação mãe-filho –, assim como a compreensão das complexas matizes sociais e estatutárias locais – expressas na incorporação da figura sempre estigmatizada do “ferreiro” (Fortier, 2002). Mas, globalmente, há nesta tradição oral uma clara vitória do espaço cultural saariano face ao Europeu: o homem que fora levado para fora do seu país regressa rico a casa, e o seu “anfitrião” Europeu junta-se a ele para sempre (ainda que no interior de uma sepultura).<sup>16</sup>

## Conclusão

A análise aqui ensaiada denuncia a precoce incorporação de alguns dos temas caros ao discurso orientalista no inicial encontro euro-saariano, mas mostra também – e simultaneamente – como esses mesmos elementos servem de base ordenadora de diferentes tradições orais até hoje reconhecidas no Saara. Apropriando-me de uma expressão de Vitorino Magalhães Godinho, retomada por Abdel Wedoud Ould Cheikh, creio que também no campo da história social, como procurei evidenciar, a caravela não apagou de forma alguma a caravana. Tal como porventura terá acontecido em outros contextos, e em cronologias que nos estão mais próximas, onde os quadros Orientalistas efetivamente se constituíram e declararam, gostaria de sublinhar que através dos dados etnográficos que recolhi na Mauritânia, a afirmação do plano Orientalista – português, no caso – se distancia de um qualquer propósito totalizante: quando localmente se constata que o seu léxico e argumentário são localmente contestados e diretamente afrontados. Abertamente questionando os parcos elementos nos quais a historiografia portuguesa se tem baseado no esclarecimento do longo período luso-saariano, este terreno parece-me ainda guardar inúmeros materiais – inexplorados na sua maioria – que continuam a qualificar esse encontro. Mais do que isso, os iniciais contactos euro-saarianos são plenamente incorporados em diferentes fórmulas identitárias, por vezes nos tecidos genealógicos e, na maior parte das vezes, no quadro ontológico defendido entre cada grupo estatutário saariano. Esta leitura – obviamente distinta da que qualificará períodos posteriores, e muito em particular o momento colonial – acentua contudo um reconhecimento mútuo que ainda que estabelecido em bases muitas vezes antagónicas, válida e qualifica as vozes “orientais”.

## Bibliografia

ACLOQUE, Benjamin (2014): “De la constitution d’un territoire à sa division : l’adaptation des Ahl Bârikalla aux évolutions sociopolitiques de l’Ouest saharien (XVIIe–XXIe siècles),” *La Revue canadienne des études africaines* 48 (1): 119-143.

AUSTEN, Ralph A. (1993 [1990]): “Marginalization, stagnation and growth: the trans-Saharan caravan trade in the era of European expansion, 1500-1900,” in James D. Tracy ed. *The Rise of*

---

<sup>16</sup> Num quadro semelhante de confrontação entre saarianos e europeus, tendo por referência, nesse caso, as competências místicas dos Tandgha, veja-se também a tradição oral analisada em Horta e Freire, 2013: 48-9.

- Merchant Empires: Long Distance Trade in the Early Modern World, 1350-1750*, Cambridge, Cambridge University Press, 311-350.
- AZINHAGA, Florinda (1965): *A Feitoria de Arguim e a Expansão Portuguesa*, Tese de Licenciatura em História. Lisboa, FLUL.
- BARRADAS DE CARVALHO, Joaquim (1991): *Esmeraldo de Situ Orbis de Duarte Pacheco Pereira*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- BARROS DIAS, Isabel de (2003): *Metamorfoses de Babel. A Historiografia Ibérica (Sécs. XIII-XIV): Construções e Estratégias Textuais*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- BHABHA, Homi K., (1994): *The Location of Culture*, Londres, Routledge.
- BRANCHE, Jerome (2006): *Colonialism and Race in Luso-Hispanic Literature*, Columbia, University of Missouri Press.
- CARDEIRA da SILVA, Maria (2005): “O sentido dos árabes no nosso sentido. Dos estudos sobre árabes e sobre muçulmanos em Portugal”, *Análise Social* 39 (173): 781-806.
- CÉNIVAL, Pierre e MONOD, Théodore, orgs. (1938): *Description de la Côte d’Afrique de Ceuta au Sénégal par Valentim Fernandes (1506- 1507)*. Paris, Comité d’État Historique et Scientifique de l’A.O.F.
- CORTESÃO, Armando (1973): *O mistério de Vasco da Gama*, Coimbra, Junta de Investigações do Ultramar.
- FIGUEIREDO, Albano António Cabral (1996): *O ideal de Cavalaria na crónica da tomada de Ceuta de Gomes Eanes de Zurara*, Tese de Mestrado em Literatura Portuguesa, Universidade de Coimbra.
- FIGUEIREDO, Albano António Cabral (2005): *A crónica medieval portuguesa: génese e evolução de género (sécs. XIV-XV) : a dimensão estética e a expressividade literária*. Tese de Doutoramento em Letras (especialidade em Línguas e Culturas Modernas). Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- FORTIER, Corinne (2002): “De la forge à l’écriture. De l’indépendance à l’aliénation. Le statut ambivalent du forgeron dans la société maure”, em *La forge et le forgeron. I. Pratiques et croyances*, Paris, L’Harmattan, pp. 125-153.
- FREIRE, Francisco (2013): *Tribos, Princesas e Demónios: Etnografias do Encontro Pré-Colonial no Sudoestada Mauritània*. Lisboa, Colibri.
- FREIRE, Francisco (2011): “The ‘Narziguas,’ Forgotten Protagonists of Saharan History”, *Islamic Africa* 2 (1): 35-65. <https://doi.org/10.5192/21540993020135>
- FRIEDMAN, Jonathan (2009): “Occidentalism and the categories of hegemonic rule,” *Theory, Culture & Society* 26 (7–8): 85–102.
- GAVY de MENDONÇA, Agostinho de (1890 [1607]): *Historia do cerco de Mazagão*. Lisboa, Bibliotheca de Classicos Portuguezes.
- HESS, Andrew C. (2010 [1978]): *The Forgotten Frontier: A History of the Sixteenth-Century Ibero-African Frontier*, Chicago, Chicago University Press.
- HORTA, José da Silva, “O Islão nos textos portugueses: Noroeste Africano (sécs. XV-XVII): das representações à História”, “O Islão na África Subsariana” — *Actas do 6º Colóquio Internacional Estados, Poderes e Identidades na África Subsariana* realizado, de 8 a 10 de Maio de 2003, na Faculdade de Letras do Porto, coordenação de António Custódio Gonçalves, [Porto], Faculdade de Letras, Centro de Estudos Africanos [da] Universidade do Porto, [2004], pp. 167-181.
- HORTA, José da Silva (1991): “A imagem do Africano pelos portugueses antes dos contactos”, in J. da S. Horta et al., *O Confronto do Olhar. O encontro dos povos na época das navegações portuguesas. Séculos XV e XVI. Portugal, África, Ásia*, 43-70.

HORTA, José da Silva e FREIRE, Francisco (2013): “Os primeiros contactos luso-saarianos: narrativas europeias quatrocentistas e tradições orais bidhān (Mauritânia)”, em CARDEIRA DA SILVA, Maria e SARAIVA, Clara (orgs.): *As Lições de Jill Dias*, Lisboa, CRIA, pp. 37-53.

HOSFORD, Desmond, e CHONG, J. Wojtkowski, orgs. (2010): *French Orientalism: Culture, Politics, and the Imagined Other*, Newcastle upon Tyne, Cambridge Scholars.

LAURENT-DU TERTRE, Marie-Pierre, org. (1986): “Les Navigations Atlantiques du Vénétien Alvise da Mosto & la Navigation du Portugais Pedro de Sintra, Écrites par Alvise da Mosto. Traduction, édition critique, annotations, et commentaires des éditions, Thèse de doctorat. Paris, Université de Paris I Panthéon-Sorbonne, 2 vols.

LAW, Robin, (2006 [2004]): *Ouidah: The Social History of a West African Slaving ‘Port’*, Athens, Ohio University Press.

LAWRENCE, A. W., (1963): *Trade Castles and Forts of West Africa*, Londres, Jonathan Cape.

LOPES DE BARROS, Maria Filomena (2014): “From the history of Muslims to Muslims in History: Some critical notes on ‘Arab-Islamic Studies’ in Portugal”, *Hamsa. Journal of Judaic and Islamic Studies* 1: 29- 40.

MAGALHÃES GODINHO, Vitorino (1956): *O “Mediterrâneo” saariano e as caravanas do ouro: geografia económica e social do Sáara Ocidental e Central do XI ao XVI século*. São Paulo, Revista de História.

MAGALHÃES GODINHO, Vitorino (1984): *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*, vol. I, Lisboa, Editorial, Presença, 2.<sup>a</sup> ed., 4 vols.

MAUNY, Raymond, 1949, “L’expédition marocaine d’Oudane (Mauritanie) vers 1543-1544”, *Bulletin de l’IFAN*, XI: 129-140.

MIGNOLO, Walter (2003 [1995]): *The Darker Side of Renaissance: Literacy, Territoriality, and Colonization*, Ann Arbor, The University of Michigan Press.

MONOD, Théodore (1983): *L’île d’Arguin (Mauritanie): Essai historique*. Lisboa, Centro de Estudos de Cartografia Antiga do Instituto de Investigação Científica e Tropical.

NORRIS, H. T. (1969): “Znaga Islam during the Seventeenth and Eighteenth Centuries”, *Bulletin of the School of Oriental and African Studies* 32: 496–526.  
<https://doi.org/10.1017/S0041977X00097056>

OULD BABBAH, Muhammadhan, org. (1990): *As-Sayh Muhammad al-Yadali. Sur l’histoire de la Mauritanie (trois textes inédits)*, Tunis, Beït Al-Hikma.

OULD CHEIKH, Abdel Wedoud (2000): “La caravane et la caravelle. Les deux âges du commerce de l’Ouest saharien”, *L’Ouest Saharien*, 2: 29-69.

OULD CHEIKH, Abdel Wedoud (2013): “Património, memória, estado. Nota sobre o património mauritano e os seus usos”, em CARDEIRA DA SILVA, Maria (org.): *Castelos a Bombordo: etnografias de patrimónios africanos e memórias portuguesas*, Lisboa, CRIA, pp. 168-169.

PRATT, Marie Louise (2008 [1992]): *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. Londres, Routledge.

RICARD, Robert (1930): “Les portugais et le Sahara atlantique au XVe siècle”, *Hespéris* 11: 97-110.

SAID, Edward W. (1994 [1978]): *Orientalism*, Nova Iorque, Vintage.

SAID, Edward W. (1994 [1993]): *Culture and Imperialism*, Nova Iorque, Vintage.

SAUNDERS, A. C de C. M. (1982) : “The Depiction of Trade as War as a Reflection of Portuguese Ideology and Diplomatic Strategy in West Africa, 1444-1556”, *Canadian Journal of History*, 17: 219 -234. <https://doi.org/10.3138/cjh.17.2.219>

TEIXEIRA da MOTA, Avelino (1958): “A Viagem de Bartolomeu Dias e as Concepções Geopolíticas de D. João II”, *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 76 (10-12): 297-323.

TEIXEIRA da MOTA, Avelino (1976): *Alguns aspectos da colonização e do comércio marítimo dos Portugueses na África Ocidental nos séculos XV e XVI*, Lisboa, Junta de Investigações Científicas do Ultramar.

- TEIXEIRA da MOTA, Avelino (1980): *Viagens espanholas das Canárias à Guiné no século XVI, segundo documentos dos arquivos portugueses*, sep. III Coloquio de Historia Canario-Americana (1978). Las Palmas, Cabildo Insular de Gran Canaria, 220-249.
- THOMAZ, Luís Filipe Thomaz (1994): *De Ceuta a Timor*, Lisboa, Difel.
- VASCONCELOS E SOUSA, Bernardo (2007): "Medieval Portuguese Royal Chronicles. Topics in a Discourse of Identity and Power", *e-Journal of Portuguese History* 5 (2) [[http://www.brown.edu/Departments/Portuguese\\_Brazilian\\_Studies/ejph/html/issue10/pdf/bsou sa.pdf](http://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/html/issue10/pdf/bsou sa.pdf)]
- VARISCO, Daniel Martín (2007): *Reading Orientalism: Said and the Unsaid*, Seattle, University of Washington Press.
- WEBB, James L. A. (1995): *Desert Frontier: Ecological and Economic Change Along the Western Sahel (1600 -1850)*, Madison, The University of Wisconsin Press.
- WHITE, Hayden (1987): *The Content of the Form: Narrative Discourse and Historical Representation*, Baltimore, The Johns Hopkins University Press.
- ZURARA, Gomes Eanes de, (1978): *Crónica dos feitos notáveis que se passaram na conquista da Guiné por mandado do Infante D. Henrique*, vol. I, Lisboa, Academia Portuguesa da História.